



**II Prêmio
Escritas Sociais**
Diversidades Culturais

**Homenageada
Berta Ribeiro**





UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS PORTO NACIONAL
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**ESCRITAS SOCIAIS
DIVERSIDADES CULTURAIS**

TEXTOS PREMIADOS

HOMENAGEADA
BERTA RIBEIRO

PORTO NACIONAL
2018

Universidade Federal do Tocantins
Reitora: Prof. Dr. Luis Eduardo Bovolato

Campus de Porto Nacional
Diretor: Prof. Dr. George França

Curso de Ciências Sociais
Coordenador: Prof. Dr. Marcelo de Souza Cleto
Vice-Coodenador: Prof. Dr. Marcelo Brice de Assis Noronha
Secretária executiva: Luzirene Gonçalves dos Santos

Comissão Julgadora do 1º Prêmio Escritas Sociais
Profª. Dra. Fabiana Scoleso – Relações Internacionais / UFT
Profª. Dra. Carolina Pedreira – Educação do Campo / UFT
Profª. Dra. Adriana Capuchinho – Letras / UFT

Organização
Prof. Dr. Marcelo Brice Assis Noronha
Prof. Dr. Marcelo de Souza Cleto
Prof. Dr. André Demarchi

Capa
Marcelo de Souza Cleto

CONSELHO EDITORIAL

Profª. Dra. Ana Gabriela Morim de Lima – UFRJ
Prof. Dr. André Demarchi – UFT
Profª. Dra. Flávia Pereira Xavier – UFMG
Profª. Dra. Luciana Aliaga – UFPB
Prof. Dr. Marcelo Brice Assis Noronha – UFT
Prof. Dr. Marcelo de Souza Cleto – UFT
Prof. Dr. Neville Santos – IFG
Profª. Dra. Regina Célia Padovan – UFT

FICHA CATALOGRÁFICA

C316s Demarchi, André; Brice, Marcelo; Cleto, Marcelo de Souza (orgs.).
Pêmio Escritas Sociais: diversidades culturais Textos
premiados / Porto Nacional: Ed. da galera, 2018
29f.

Inclui referências.

1.Escritas Sociais. 2. Diversidades culturais. 3.
Cultura. 4.Berta Ribeiro.
I. Título.

UFT

CDU – 316:00

*Dedicamos esta obra a todos os estudantes,
professores, técnicos, pesquisadores e
funcionários do Museu Nacional (RJ),
reduzido à cinzas em incêndio lastimável no
dia 02 de setembro de 2018. A queima do
acervo dessa valiosa instituição representa
inestimável perda para as diversidades
culturais da humanidade.*

SUMÁRIO

Apresentação <i>Marcelo Brice</i>	07
Homenagem: Berta Ribeiro, antropóloga do futuro <i>André Demarchi</i>	09
Graduação	
1º lugar: Excesso de luz <i>Pedro Filho Mendes de Oliveira</i>	14
2º lugar: Hotxuá: a arte de fazer sorrir <i>Valéria Batista Ribeiro Rodrigues</i>	17
3º lugar: Cultura Mehim: abrindo olhares à diversidade <i>Francilene Medeiros Teixeira</i>	23
Ensino Médio	
As diversidades culturais e os desafios na sociedade brasileira <i>Jefferson Soares de Souza</i>	28

Apresentação

Marcelo Brice

Finalizamos a II edição do Prêmio Escritas Sociais, tendo como tema: “Diversidades culturais” e como homenageada a antropóloga Berta Ribeiro, com a publicação dos textos premiados e um pequeno balanço das contribuições da homenageada e suas relações profundas e fundamentais em relação ao tema.

É preciso destacar como a universidade passa por dificuldades operacionais impostas e intensificadas em razão de uma postura governamental que nada tem a ver com o estímulo de um conhecimento livre e ampliado, nas suas variadas formas e relações, abertas e contínuas. É exatamente contrariando essa lógica que o curso de Ciências Sociais – bacharelado – Porto Nacional-UFT se mobilizou e deu andamento a mais uma edição desse prêmio, que tenta garantir espaço e incentivo ao exercício da reflexão em formação de uma leitura de mundo que contemple suas diversidades. Por isso, o trabalho da antropóloga e a apresentação de visões sobre modos de vida e especificamente a presença dos povos indígenas foram as marcas dessa edição.

Teremos a seguir o texto do professor Andre Demarchi, que abre a coletânea, com um panorama da trajetória de Berta Ribeiro e como ela teve um papel destacado e a frente nas contribuições sobre a diversidade cultural, tema constante das suas pesquisas entre os povos indígenas. Sem dúvida, suas contribuições são imprescindíveis para as definições a respeito da arte indígena e a importância para aquilo que visibiliza a diferença no olhar, como a *plumária*, por exemplo, demarcando um terreno fértil para a pesquisa antropológica que garante o seu legado de constituição de uma área de pesquisa com o reforço do uso e do material estético como uma fonte e uma perspectiva, fazendo André Dermarchi chamá-la de *antropóloga do futuro*, uma ótima alcunha.

Depois teremos três textos dos premiados na categoria graduando. São eles, em primeiro lugar: “Excesso de luz”, de Pedro Filho Mendes de Oliveira, em segundo lugar: “Hotxuá: A arte de fazer sorrir”, de Valéria Batista Ribeiro Rodrigues, e em terceiro lugar: “Cultura Mehim: Abrindo olhares às diversidades”, de Francilene Medeiros Teixeira.

O texto de Pedro Filho coloca em relevo as formas como o conhecimento do outro e outras experiências podem fortalecer uma relação mais abrangente da realidade, através da literatura e da vivência com a diversidade, nisso a diversidade cultural seria um ponto crucial a se explorar. O texto de Valéria Batista faz um passeio pela palhaçaria entre os Krahô, mostrando como a alegria é um modo de afirmação da diferença e nesse sentido garantidor de uma relação com o meio e de formação de identidade. O texto de Francilene Medeiros demonstra particularidades da cosmovisão Krahô, a sua relação com suas mitologias, suas formas de se ver e de pautar seu

universo de formação e ação. Tudo isso, nos três textos, salpicados de informações específicas, e de esforço de construção de reflexão. Para finalizar, o texto premiado na categoria Ensino médio: “As diversidades culturais e os desafios na sociedade brasileira”, de Jefferson Soares de Sousa. Nele, o autor, apresenta referências sobre a noção de cultura e como esse tema organiza e aponta as dimensões distintivas da sociedade brasileira.

Temos orgulho em afirmar que, com os erros e acertos, esse prêmio alcança o objetivo, na medida em que estabelece um esforço de leitura e de escrita que fortalece as reflexões fundamentais para a formação de um olhar e de uma sociedade brasileira mais sólida no respeito e na valorização das diversidades culturais.

Berta Ribeiro, antropóloga do futuro

André Demarchi (UFT)

Berta Ribeiro, nossa homenageada na edição de 2017 do Prêmio Escritas Sociais, foi uma grande pensadora da diversidade cultural brasileira. Estudiosa dos povos indígenas, Berta inaugurou uma grande seara de pensamento relativo à cultura material, aos objetos e artefatos, enfeites e máscaras dos ameríndios, produzindo obras preciosas nas quais a diversidade da produção artefactual desses povos foi levada ao extremo. Neste texto, privilegiarei elementos que demonstrem como seu pensamento e algumas questões que a atormentaram estavam além de seu próprio tempo, sendo retomadas por importantes autores após a sua morte. Berta foi uma antropóloga do futuro. Em vida, trouxe à baila questões que seriam tratadas e levadas a fundo pela antropologia da arte e pela etnologia indígena muito tempo depois.

Nascida na cidade de Beltz, Romênia, em 1924, Berta Gleiser Ribeiro era de uma família judia¹. Seu pai, Motel Gleiser, veio para o Brasil após a morte de sua esposa Rosa Sadovinic Gleiser, quando Berta tinha apenas oito anos. Além de Berta, Motel trouxe também a filha mais velha Jenny. A vinda para o Brasil, embora tenha sido uma forma da família se recuperar da morte da mãe, começando uma nova vida em um novo país, trouxeram novas mazelas que marcariam para sempre a vida de Berta. Sua irmã Jenny, logo que aprendeu o português, se mudou a trabalho para São Paulo, onde foi presa, em 1935, por supostas atividades políticas. À época o país passava pela ditadura do Estado Novo, cujo aparato repressivo era ainda mais brutal com os judeus ou descendentes de judeus, principalmente, com a política de deportação para os países dominados pelo antissemitismo, como era o caso da Romênia, na década de 1930. Jenny Gleiser foi deportada pelos aparelhos repressivos da ditadura Vargas em 1935, um pouco antes do famoso caso de deportação de Olga Benário Prestes, que virou livro e filme. O pai de Jenny tentou soltá-la por meios jurídicos antes da deportação, sem obter êxito. Depois que ela foi mandada à força para a Europa, Motel deixou Berta aos cuidados de uma família de amigos e do Partido Comunista Brasileiro, ao qual era filiado, e viajou para a Europa, mais especificamente, para a França, em busca de notícias da filha deportada. Porém, ele logo ficou enfermo e acabou falecendo, deixando Berta completamente só aos onze anos de idade.

Indo de uma família para outra, do Rio de Janeiro, para São Paulo, e de volta para o Rio de Janeiro novamente, e sempre aos cuidados do Partido Comunista, Berta enfim se emancipa aos 16 anos, quando consegue um trabalho como datilógrafa. Pouco depois, em um comício do Partido Comunista, conhece Darcy Ribeiro. Acompanhando o marido em trabalhos de campo, Berta não

¹ As informações biográficas de Berta Ribeiro trabalhadas neste ensaio são uma síntese dos dados sobre a autora presentes em Van Velthen (1997) e Amorim (2001).

se furta à pesquisa, tanto que publica em conjunto com Darcy, seu primeiro livro, *A arte plumária dos índios Kaapor*, em 1957. Posteriormente, quando Darcy, após ser ministro chefe da Casa-Civil do Governo João Goulart, foi exilado pela ditadura militar brasileira, Berta o acompanhou também como exilada, por diversos países da América Latina. Antes de ser exilada, Berta licenciou-se em História e Geografia na Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro. Depois do exílio, já marcada pelas experiências de trabalho de campo com Darcy Ribeiro, Berta torna-se, em 1980, doutora em Antropologia pela Universidade de São Paulo e, posteriormente, torna-se professora adjunta do Museu Nacional de Antropologia (RJ), onde trabalhará até a sua aposentadoria.

A trajetória de Berta como vítima de regimes totalitários, bem como sua atribulada história de vida, certamente a fizeram uma ferrenha defensora da diversidade cultural e dos direitos humanos. Viver na pele as mazelas proporcionadas pelo fascismo das ditaduras brasileiras, ter sua vida e sua família despedaçadas por esses regimes, fez com que Berta lutasse bravamente, durante toda a sua trajetória acadêmica, em defesa dos direitos indígenas, defendendo igualmente o tema escolhido para esse Prêmio: a diversidade cultural.

Um de seus trabalhos como antropóloga do futuro, ou seja, como precursora da antropologia contemporânea, foi um exercício do que hoje se denomina “antropologia compartilhada”, realizado durante a década de 1970 junto aos Desana, povo habitante do alto Rio Negro e falante de uma língua Tukano. Trabalhando em conjunto com o indígena Umusĩ Pārökumu (Firmiano Lana) e seu filho Tōrāmũ Kēhiri (Luis Lana), Berta incentivou a publicação do livro *Antes o mundo não existia: a mitologia heroica dos índios Desana* (1980), cujo conteúdo apresenta os mitos e suas ilustrações produzidos pelos dois indígenas. Esta foi uma das primeiras iniciativas de publicação de autores indígenas, narrando e desenhando seus mitos para o público brasileiro mais amplo. O sucesso da publicação foi tamanho que rendeu edições em línguas estrangeiras como o espanhol e o italiano. Berta, portanto, foi pioneira, antecipando um movimento contemporâneo de diálogo franco com os povos indígenas através do estabelecimento de um “pacto etnográfico” (Viveiros de Castro, 2015) que nos faz lembrar da parceria do antropólogo Bruce Albert com o xamã e ativista Davi Kopenawa, originando o livro *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami* (2015), sem dúvida, o livro mais importante para a antropologia brasileira nesse início do século XXI.

Um outro campo em que Berta se destacou como produtora de uma antropologia do futuro foi a antropologia da arte, principalmente no que diz respeito ao simbolismo dos grafismos indígenas. Ela dedicou a esse tema um importante capítulo de sua tese de doutorado, intitulada *A civilização da palha: a arte do trançado dos índios do Brasil* (1980). Essa parte de sua tese foi posteriormente publicada no volume dedicado à arte indígena da *Suma Etnológica Brasileira* (1986) que, tal como os outros três volumes fora organizado por ela. A importância deste capítulo concentra-se em sua abordagem inovadora que de certo modo antecipa uma forma nova de tratar a arte indígena e a cultura material como importante locus de expressão das relações de alteridade

dos povos ameríndios. Essa abordagem será justamente aquela que dominará as pesquisas nestes campos depois dos anos de 1990 (como atesta o livro organizado por Lux Vidal (1992) e os trabalhos de Regina Müller (1990), Lúcia van Velthen (2003), Els Lagrou (2007), Aristóteles Barcelos Neto (2008), dentre outros) e, sem dúvida, contribuiu para colocar a cultura material e a arte no mesmo patamar de importância de outros temas historicamente privilegiados pela etnologia ameríndia (e pela antropologia de modo geral), como o parentesco, a organização social e a religião.

Trabalhando a partir dos doze padrões gráficos coletados pelo etnólogo alemão Georg Grünberg, e também através de seu próprio material de pesquisa, Berta Ribeiro se propõe a demonstrar como os grafismos encontram ressonâncias significativas na sócio cosmologia dos indígenas Kaiabi, habitantes do Parque Indígena do Xingu. A abordagem inovadora proposta por ela está em buscar o significado dos padrões nos rituais, na mitologia e na atividade guerreira, realçando as homologias existentes entre certos padrões e seres sobrenaturais, inimigos de guerra, animais e personagens rituais. As especificidades de cada desenho são na verdade variações de um padrão estrutural em formato de H maiúsculo, denominado *taangap*, apreendido do grupo indígena *Apiaká*, e que a autora demonstra estar relacionado a um personagem mitológico, maléfico e multifacetado denominado *Añang*. No ritual *djawasí*, o *Añang* é presentificado “por um boneco de embira (fibra vegetal) de dois metros de altura, com o pênis muito grande” (1988). No decorrer da cerimônia ele vai sendo destruído pelos Kaiabi, à base de bordunadas e flechadas, para que ao fim seja decapitado e tenha seus dentes extraídos para fazerem colares, tal como os Kaiabi faziam com seus inimigos quando guerreavam. O *Añang* pode ser feito também na forma de sapo cururu ou de onça, animais considerados perigosos pelos índios. A hipótese sustentada por Berta é a de que os desenhos da cestaria Kaiabi são estilizações das variações nas formas assumidas pelo *añang*; isto é, são variações formais dos seres (humanos, não humanos, animais) presentificados por ele em determinados contextos. Sua conclusão é a de que os Kaiabi utilizam como emblemas étnicos desenhos e padrões não só capturados de outros, mas que são justamente uma forma de figuração de todos esses “outros” presentes em seus rituais, em sua mitologia e cosmologia.

Um último campo do pensamento antropológico antevisto por Berta Ribeiro e no qual ela se consagrou na antropologia brasileira foi o campo da cultura material. Além de estudiosa desse tema, Berta se destacou como formadora de coleções e curadora exposições indígenas. Suas pesquisas entre diversos grupos – como os Kadiwéu, Kaiowá, Terêna e Ofaié-Xavantes, no Mato Grosso do Sul; e mais tarde, entre os Yawalapiti, Kaiabi, Juruna, Araweté e Asurini, no alto e médio rio Xingu, e os Tukano e Desana, na região do alto rio Negro – foram importantes não apenas para que ela formasse uma prestigiosa coleção particular, mas também para que organizasse coleções indígenas para o Museu Nacional de Antropologia e para o Museu do Índio – (Funai). Além de formadora de coleções Berta Ribeiro se destacou na elaboração de instrumentos metodológicos de classificação de acervos de cultura material. Destacam-se nesse sentido as

obras: *Bases para a classificação dos adornos plumários dos Índios do Brasil e Arte Plumária dos índios Urubu-Kaapor*, ambas publicadas em 1957. A tarefa de classificar as diferentes técnicas utilizadas pelos artistas indígenas e as formas assumidas pelos objetos em seu processo de produção atingiu seu auge com a publicação da já clássica obra de referência etno-museológica *Dicionário do artesanato indígena brasileiro* (1988), onde se encontram classificados segundo a técnica, a matéria-prima e a forma, mais de 1400 objetos da cultura material indígena, devidamente descritos e analisados por Berta.

Finalizo esse texto remetendo o leitor a principal motivação de Berta Ribeiro para escrever seu *Diário do Xingu* (1980) que, acredito, expressa de modo exemplar uma preocupação presente em toda sua trajetória como antropóloga, etnógrafa, museóloga, professora, e defensora das causas indígenas e das diversidades culturais. Afirmou Berta em seu diário, como que antevendo um futuro no qual as universidades brasileiras estivessem repletas de estudantes indígenas, que “a motivação para escrever [o diário] decorre da esperança de que alguns de seus personagens índios o lerão agora e, muitos outros, no futuro. Com isso, procuro devolver-lhes as lições que me deram e a outros pesquisadores. Ou seja, informações sobre sua história, sua tecnologia, sua visão de mundo, suas lutas e aspirações, que, confio, os ajudem a nos entenderem melhor e melhor conhecerem a si próprios”. Um viva a Berta Ribeiro, antropóloga do futuro.

Bibliografia

BARCELOS NETO, Aristóteles. 2008. *Apapaatai: rituais de mascaras no Alto Xingu*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 310 p.

LAGROU, Els Maria. 2007. *A Fluidez da Forma: Arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica*. Rio de Janeiro: Topbooks.

MÜLLER, Regina. 1990. *Asurini do Xingu: História e Arte*. Campinas: Editora da UNICAMP.

RIBEIRO, Berta. 1957. Bases para uma Classificação dos Adornos Plumários dos Índios do Brasil. Arquivos do Museu Nacional, vol. XLIII: 55-119, 55 fig. 13 prs. Rio de Janeiro.

_____. 1957. *A Arte Plumária dos Índios Kaapor*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 157p 14 prs. em cores, em colaboração com Darcy Ribeiro.

_____. 1979. *Diário do Xingu*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 265p.

_____. 1980. *A civilização da Palha: a Arte do Trançado dos Índios do Brasil*. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 587 p. 116 pr. 198 ils.

_____. 1988. *Dicionário do Artesanato Indígena*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 343p., 20prs. Em cores, 1430 ilustrações a traço de Hamilton Botelho Malhano.

RIBEIRO, Berta (Org.). 1986. *Suma Etnológica Brasileira*. 3 volumes. Petrópolis, Vozes.

VELTHEM, Lúcia Hussak van. 2003. *O Belo é a Fera: A estética da produção e da predação entre os Wayana*. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia: Assírio & Alvim.

VIDAL, Lux (Org.). 1992. *Grafismo indígena*. São Paulo: Studio Nobel, Fapesp, Edusp.

Excesso de Luz

Pedro Filho Mendes de Oliveira

Compreendida como um conjunto de costumes e tradições ou, como nas palavras de Berta Ribeiro, “a ação humana sobre a natureza”², a cultura se manifesta com grande variedade ao redor do globo — e no Brasil, onde cada uma das cinco regiões geográficas apresenta aspectos singulares, isso não é diferente. Sendo que é justamente nesse universo de pluralidade de crenças, comportamentos, valores, instituições, regras morais, linguagens, religiões e vestuários que a Diversidade Cultural é concebida.

Segundo a Declaração Universal da UNESCO sobre a Diversidade Cultural:

Em nossas sociedades cada vez mais diversificadas, torna-se indispensável garantir uma interação harmoniosa entre pessoas e grupos com identidades culturais a um só tempo plurais, variadas e dinâmicas, assim como sua vontade de conviver. As políticas que favoreçam a inclusão e a participação de todos os cidadãos garantem a coesão social, a vitalidade da sociedade civil e a paz. Definido desta maneira, o pluralismo cultural constitui a resposta política à realidade da diversidade cultural.³

Não obstante, apesar da existência de instrumentos de definição internacional destinados a preservar e promover a diversidade e o diálogo entre as mais diferentes culturas, ainda há muito a ser feito no que se refere ao preconceito e a promoção de uma empatia cultural — aqui compreendida como a ação de se colocar na cultura de outrem, abrangendo emocionalmente suas crenças e costumes.

No Brasil, por exemplo, entre 2014 e 2015, os casos de aversão aos estrangeiros — que surge por fatores históricos, culturais e até mesmo religiosos — aumentaram 633%, pulando de 45 para 333 registros recebidos pela Secretaria Especial de Direitos Humanos. Dentro desse universo de preconceito, um questionamento em especial nos leva a refletir: como promover a empatia cultural em um país que, por apresentar grande pluralidade de costumes, deveria ser mais tolerante com refugiados, haitianos e pessoas de origem árabe, as principais vítimas da xenofobia?

Tendo em vista que o preconceito cultural está ligado à realidade brasileira tanto quanto a externa a ela, não raro, a problemática acaba sendo base para o desenvolvimento de narrativas ficcionais de autores como o norte-americano Christian McKay Heidicker.

²RIBEIRO, Berta G., 1924-1997. O índio na cultura brasileira / Berta Ribeiro. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013. 210 p.

³UNESCO. Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, 2001. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org>>. Acesso em 10 dez. 17.

No conto *Excesso de Luz*⁴, através de uma das personagens secundárias, o autor defende a necessidade de se colocar no lugar do outro que possui cultura diferente, apontando que a experiência nos torna menos intolerantes e alegando que se todo mundo experimentasse culturas diferentes como experimenta roupas, as pessoas não matariam tanto umas às outras.

Nessa perspectiva, a bem da verdade, não se pode excluir o papel da literatura como mecanismo de combate a intolerância cultural, seja pela dedicação de algumas ficções em analisar e expor situações referentes às diversidades culturais ou pelas empatias que só acontecem nos momentos-limite de algumas leituras capazes de arrebatá-los os leitores.

Segundo um estudo recente, realizado por David Comer Kidd e Emanuele Castano, ambos psicólogos da *New School for Social Research*, em Nova York, a leitura de ficção literária fomenta a empatia social e torna as pessoas mais predispostas a compreenderem as diversas manifestações culturais sem desrespeitá-las. Nas palavras de Kidd, a ficção literária deixa de ser entretenimento e passa a ter características de uma experiência social que reflete na vida real.⁵

Muitas outras pesquisas também já demonstraram o poder da ficção literária no que se refere a promoção da empatia social e cultural, como é o caso da realizada por Keith Oatley⁶, psicólogo e romancista, que chegou à conclusão de que a ficção simula uma espécie de mundo social que nos torna mais aptos a compreender as pessoas e suas intenções, levando-nos a inferir que o Holocausto⁷ não aconteceria se o Estado nazista tivesse se colocado no lugar das vítimas, abrangendo emocionalmente suas crenças, costumes e impossibilidades. Na mais básica interpretação, obras de escritores como Charles Dickens e Téa Obrecht, poderiam ajudar a mudar os valores sociais que fazem com que, na visão de Heidicker em *Excesso de Luz*, matemos uns aos outros.

Atualmente, boa parte das ficções literárias tratam de inúmeros temas recorrentes e esbanjam conteúdo, onde os autores narram histórias ao mesmo tempo comoventes e divertidas, usando personagens em jornadas transformadoras como instrumentos que sensibilizam e que, em seus momentos mais profundos, parecem dialogar diretamente com o leitor. A autora brasileira Carina Rissi em sua obra *No Mundo da Lua*⁸, por exemplo, tece cuidadosamente uma história marcada pela cultura cigana, que através do romantismo e do humor rompe todo e qualquer preconceito existente para com as figuras coloridas, de lenços roxos e pulseiras douradas que capturam e refletem os raios de sol.

Algo similar pode ser visto em *A Grande Caçada*⁹, de Dan Smith, que traz em suas entrelinhas a história de um garoto que nasceu numa aldeia isolada na Finlândia, com costumes que parecem cruéis quando visto por olhos externos, mas que sensibilizam o leitor, tornando-o

⁴HEIDICKER, Christian McKay. *Excesso de Luz*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2017. 30 p.

⁵KIDD, David Comer; CASTANO, Emanuele. Reading literary fiction improves theory of mind. *Science*, v. 342, n. 6156, p. 377-380, 2013.

⁶OATLEY, Keith. The function of fiction is the abstraction and simulation of social experience. *Perspectives on psychological science*, v. 3, n. 3, p. 173-192, 2008.

⁷Genocídio que durante a Segunda Guerra Mundial matou milhões de judeus, ciganos e Testemunhas de Jeová.

⁸RISSI, Carina. *No Mundo da Lua*. 4. ed. São Paulo: Editora Verus, 2015. 475p

⁹SMITH, Dan. *A Grande Caçada*. 1. ed. São Paulo: Editora Seguinte, 2015. 271p.

capaz de abranger emocionalmente as crenças e tradições presentes no livro.

Ficções à parte, um grande exemplo de empatia cultural pode ser visto na obra *O Índio na Cultura Brasileira*¹⁰, de Berta Ribeiro, etnóloga e antropóloga brasileira marcada pelo caráter de detectar e entender as manifestações culturais de outras pessoas, em especial dos indígenas. Se é preciso dar um exemplo de que vivenciar uma cultura diferente nos torna mais tolerantes, esse exemplo é Berta Ribeiro. A judia romena de infância infeliz e grifada pelo antissemitismo¹¹ realizou trabalhos de campos entre os índios Kadiwéu, Kaiowás, Terenas e Ofaié-Xavantes e procurou sempre demonstrar a contribuição cultural que essas nações fizeram aos “civilizados”. Nas palavras da própria antropóloga, “procurou-se enfatizar que a cultura indígena continua ativa, embora inibida para desenvolver sua criatividade e potencialidade. Não obstante, é um organismo vivo. Muito se pode aprender com ela, se vencermos o preconceito e o desprezo que sempre se lhe votou”.

Infere-se, portanto, que muito ainda precisa ser feito no que se refere à problemática do preconceito cultural ligado à realidade de muitos países, em especial o Brasil. Diante disso, fica evidente que a literatura deveria ter um papel maior no combate a intolerância cultural na medida em que se dedica a analisar e expor situações referentes às diversidades culturais e, como bem prova a Ciência, fomentar valores sociais.

Sendo assim, incluir com prioridade a leitura de ficções literárias em todos os níveis da educação brasileira é imprescindível para melhorarmos essa situação, cabendo ao Estado incentivar a leitura através de propagandas televisivas, publicações em redes sociais e fóruns sobre a temática. Ademais, é necessário que pais, professores e educadores em geral trabalhem juntos para que encontrar um brasileiro lendo, sentado num banquinho ou a sombra de um árvore, deixe de ser incomum e se torne uma prática natural.

À exemplo metafórico, o que a literatura provoca na intolerância cultural se assemelha ao que as estrelas e a lua fazem com a noite: lançam luz sobre as trevas e permitem que as pessoas possam trilhar determinado caminho mesmo sem a presença total da claridade. De forma parecida, a ficção literária, ao simular uma espécie de mundo social, fomenta a empatia cultural e, ao lançar luz sobre a vida daqueles que têm contato com ela, permite que os leitores possam percorrer jornadas iluminadas num mundo em que trevas de intolerância dominam por todos os lados.

Nesse sentido, cabe um último questionamento pessoal: o que realmente nos impede de usar a ficção, aqui associada a um conjunto de estrelas, para se formar uma constelação que combata a intolerância e promova a diversidade cultural? Como bem nos questiona a protagonista de Heidicker, não seria apropriado uma vida de escuridão terminar em excesso de luz?

¹⁰RIBEIRO, Berta G., 1924-1997. *O índio na cultura brasileira* / Berta Ribeiro. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013. 210 p.

¹¹Prática preconceituosa ou hostilidade contra judeus.

Hotxuá: a arte de fazer sorrir

Valéria Batista Ribeiro Rodrigues¹

Alegria é o elemento base da tribo Krahô, localizada no nordeste do Estado do Tocantins, entre as cidades de Itacajá e Goiatins. Segundo o censo de 2017, a tribo conta atualmente com 2843² indivíduos, distribuídos em 27³ aldeias. A etnia faz parte do tronco linguístico Macro-Jê⁴ e pertence à família Timbira. E *Hotxuá* é o “palhaço cerimonial” da aldeia Krahô, e o guardião do riso.

Assim como o clássico palhaço que conhecemos, o *hotxuá* tem a função de levar humor e alegria para o povoado. O povo Krahô é conhecido por rir muito e, “tem, entre suas tarefas cotidianas, a caça, o plantio e o riso. Eles consideram que a alegria é um elemento base de sua sociedade, e os hotxuás, para cumprir essa tarefa, usam a força do riso, da doçura e do escárnio. Dentre suas funções, instauram o avesso, falam o que os outros calam, ensinam o certo ao agir de forma errada, desmistificam o erro, fortalecem a autoestima e unem o grupo através da alegria, do abraço e da conversa, garantindo a sobrevivência de sua cultura milenar. Em suma, os hotxuás dominam a arte da brincadeira não só no ritual, mas também no dia a dia” (ABREU⁵, 2015, p.46).

A palavra Hoxwa tem vários significados. E “...(entre os muitos sentidos que uma palavra pode abarcar): Cunituk disse que /hô/ é folha e /xwa/ amargo, “*hoxwa*” é folha ou fruta amarga. O que foi confirmado por Hápor e outras pessoas também. Pascoal Hápor continuou dizendo que /hô/ é folha, mas pode ser também “pano amarrado de esconder dos outros”, enquanto /xwa/ pode ser banho; “*hoxwa*” seria uma “pessoa nua”. Na verdade, /hô/ é também “pêlo” - por exemplo, a formação do nome “*Krahô*” que significa “pêlo de paca” - passando, portanto, a mesma ideia de “folha” e “roupa”, aquilo que está por fora ou envolve, tornando a tradução do Hapor interessante para a análise” (LIMA, 2010, p.71).

Com diversas visitas etnográficas na aldeia e elaboração de trabalhos acadêmicos, o palhaço Krahô também foi tema de cinema através do filme *Hotxuá*, exibido em forma de documentário⁶, feito exclusivamente para mostrar o cotidiano desse povo e o importante papel exercido pelo palhaço na tribo. Os quais são considerados sagrados e tem a função de levar alegria para o povo Krahô. Representando também uma espécie de equilíbrio para os índios. A sua função vai muito além de um personagem humorístico. Segundo o ator Ricardo Puccetti⁷, a função do *hotxuá* está extremamente ligada a uma função social que alguns escolhidos têm o privilégio de possuir.

A função de *hotxuá* não é escolhida aleatoriamente, e nem tão pouco quem é escolhido, pode deixar tal sua função com o tempo. Um *hotxuá* será sempre *hotxuá*. E a sua escolha é feita ainda na infância, quando a criança recém-nascida recebe o nome *hotxuá*, seja através do pai, tio ou de algum amigo da família.

Dentre os vários rituais realizados pela tribo Krahô, destacam-se, de acordo com Melatti, “*Perti*” significa “tora grande” e “*Yótyopi*” significa “tora de batata”. Também chamada *Jatyopi*, a *Festa das Batatas*, que ocorre anualmente na aldeia, comumente no mês de abril na passagem da estação chuvosa para a seca, quando as batatas-doces estão prontas para serem colhidas. O ritual é ligado à fertilidade das roças e, conforme o mito de origem, foi aprendido com as plantas cultivadas.

É na festa “*Perti*” que as famílias dos “noivos” recém-casados e que ainda não tiveram filhos trocam o paparuto, comida ritual por excelência. O *padlé* (chefe de rito), antes da corrida com a tora de batata, também “verifica” as genitálias dos jovens para saber se estão prontos (ou já tiveram) relações sexuais. Uma das questões pertinentes à eficácia ritual parece ser a fertilidade, relacionada aos ciclos agrícola, sazonal e da pessoa⁸” (LIMA, 2009, p.189).

Os hotxuás tem papel fundamental nessa festa. Afinal, são eles quem cortam as toras para o ritual e doam as batatas para a festa. Para entender melhor o papel dos hotxuás, é necessário reportar ao passado do povo Krahô, para compreender melhor como tudo começou. Conta o mito, que os krahôs antigos eram nômades, caçadores coletores, que tinham o hábito de sair para caçar, e deixava suas roças plantadas, e tempos depois, mais precisamente no tempo da colheita, enviava seus mensageiros para averiguar se os legumes já estavam maduros e prontos para a colheita. Em uma dessas ocasiões, quando o mensageiro chegou à roça, deparou com todos os legumes fazendo a festa. Assim Melatti escreve:

¹ Acadêmica do curso de Bacharelado em Ciências Sociais, da Fundação Universidade Federal do Tocantins, campus Universitário de Porto Nacional.

² Segundo Censo do IBGE de 2017.

³ LIMA, Ana Gabriela Morim, *Hoxwa: Imagens do Corpo, do Riso e do Outro. Uma abordagem etnográfica dos palhaços cerimoniais Krahô*. Rio de Janeiro, 2010. (Mestrado em Sociologia com concentração em Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010).

⁴ “Atualmente os povos de língua Jê - assim designados pela primeira vez por Von Martius - se dividem em três subgrupos, segundo critérios linguísticos, geográficos e culturais: **Jê Setentrionais** (Timbiras Orientais, Apinayé ou Timbiras Ocidentais, Kayapó Setentrionais ou Mebengokre, Suyá, Krenakarôre ou Paraná); **Jê Centrais** (Xavante, Xerente, Xakriabá); **Jê Meridionais** (Kaingang e Xokleng). Entre os Timbiras Orientais, além dos Krahô, encontramos os Canela-Ramkokamekra, Apaniekra, Gaviões - Parakateyê e Pukobiyé - eKrikati” (LIMA, 2010, p.15).

⁵ ABREU, Ana Carolina Fialho de. *Hotxuá à luz da etnocologia: a prática cômica Krahô* / Ana Carolina Fialho de - 2015. 158 f. il.

⁶ Filme *Hotxuá* dirigido pela atriz Leticia Sabatella e pelo cenógrafo Grinco Cardia, estreado nos cinemas do Brasil em 2011.

⁷ <http://www.encontrodeculturas.com.br/2012/artista/kraho>.

⁸ Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS - UFSCar v. 1. n. 1, p. 187-197,2009.

“Antigamente todos os bichos falavam; as sementes de legumes também falavam. (...) Passaram-se uns tempos e enviaram um deles para olhar o estado da roça. Ele era mesmo entendido. Chegou, andou pela roça, quebrou duas espigas de milho e comeu. Reparou tudo. (...) Ai as batatas começaram a fazer a festa. Eram como gente. (...) O índio viu tudinho o que fizeram. Então o milho veio falar com o índio para ficar. Ai o milho fez a festa dele também. (...) Fez logo a festa da batata e depois fez a do milho. Os índios guardaram a festa”.⁹ (Melatti, 1978:193)

Os krahôs crêem que as plantas foram presente de uma estrela chamada *Caxekwyj*, a qual veio do céu e trouxe consigo sementes. Em seguida aquela estrela virou uma moça e ensinou o povo a plantar aquelas sementes e a comer os seus frutos. E conforme está explícito na citação anterior e na próxima, um certo dia, um índio chegou na roça e se deparou com as plantas dançando e os ensinaram a festejar também. E isso é feito pelos índios krahôs até hoje. Inclusive, em seus rituais realizados na Festa das Batatas, cada dança representa um legume ou planta.

De acordo com o mito, houve um tempo em que não havia fronteira entre homens, animais e plantas, ‘todos se viam e viam os outros como “gente”, “puro índio”, na mesma “forma humana”. Ou seja, no começo de tudo, não havia separação entre o homem e as plantas. Ambos viviam em harmonia e falavam uma língua que ambos entendiam. Diferentes espécies de plantas transformaram-se em “humanos”, “parentes”. Sobre isso, Melatti escreve:

“Os índios plantaram a roça e saíram para o mato. Ninguém ficou em casa. Passaram três meses fora da aldeia, comendo buriti, macaúba, bacaba, caçando. Mandaram um txikate. O governador lhe disse: ‘Agora você vai ver se nossos legumes já estão maduros’. Ele foi. Já era tarde, negócio de três horas da tarde. Já estava perto da aldeia. Batata, melancia, abóbora, inhame, estavam gritando. Viraram gente. ‘Quem está fazendo zoada aí na aldeia?’, pensou ele. As batatas estavam como puro índio, enfeitadas com pau de leite e urucu. As batatas roxas eram homens roxos. As cunhãs eram mulheres bonitas. Então ele ficou na casa, vendo. (...) ‘Que gente é essa?’, disse o portador (txikate). As batatas: ‘Quem é esse homem?’ Outra disse: ‘É vovô (kederê) que está aí...’¹⁰ (Melatti, 1978, p.193).

“Os krahôs são conhecidos também como os “senhores do cerrado”¹¹, e lutam para preservar e manter seus recursos naturais intactos”. Eles possuem três crenças primordiais na cultura: “a harmonia da natureza, a força das plantas e a celebração da vida”. Os Krahôs possuem dois caciques, sendo um pertencente ao partido sol (wakmiyé) e o outro ao partido úmido (katamiyé). Essas duas forças se completam, e todos os dias são realizadas duas corridas de tora na aldeia, pelos dois partidos. Nessa corrida de tora, o objetivo não é um dos partidos ganhar, mas que ambos saiam vencedores, como uma forma de manter o equilíbrio na aldeia, conforme cenas do filme *Hotxuá*.

⁹ Assim Pedro Peno contou a Melatti:

¹⁰ Versão contada por Diniz a Júlio Cezar Melatti.

No mito Krahô, o palhaço *hotxuá*, é originário da abóbora, motivo que se explica a sua pintura corporal. Na Festa das Batatas, a apresentação dos *hotxuás* é um dos pontos altos do rito e ocorre ao redor da fogueira. A pintura corporal dos *hotxuás* diferem bastante dos padrões tradicionais em jenipapo e urucu. Eles se pintam com uma tinta branca, fazendo borrões e manchas pelo corpo, finalizando seu traje cerimonial com folhas na cabeça. Além da pintura corporal e palhas na cabeça, os *hotxuás* também podem usar acessórios, como “caretas”, mascarar feitas de cabaça e pelos de animais usado para imitar barba. É o que explica Martins Zezinho Krahô, o qual acrescenta:

“Já ouvi uma série de associações dessa pintura: branco seria a cor do *mekaro* (espírito, alma e duplo, ou ainda qualquer alusão à imagem – fotografia, cinema, etc.); as manchas da abóbora (que era o *hoxwa* no mito); as pintas da onça. De acordo com Getúlio Krahô, cada mancha é um pedaço do corpo da batata, do milho e da mandioca que entram e transformam o corpo do *hoxwa*. Ele me fez o seguinte questionamento: “Quando rala o milho, a massa não fica branca? Quando tira a casca da batata, não é branca? A mandioca, por dentro não é branco? Então... É o corpo deles que entra no corpo, que transforma o corpo. É como a pintura do *hoxwa*, aquelas manchinhas brancas, cada uma delas é uma coisa.” (transcrição trecho de entrevista: comunicação pessoal). Interessante notar que o milho e a batata-doce são os dois alimentos usados nos resguardo feito pelos parentes, em caso de nascimento e doença” (LIMA, 2009, p.189).

Além das apresentações nas cerimônias ritualísticas, os *hotxuás* têm o papel de levar alegria ao dia a dia dos aldeões. Como mostra no filme *Hotxuá*, o palhaço krahô está praticamente em todos os lugares e eventos da aldeia, cumprindo o seu papel no humor, bem como, cumpre o papel de ajudar nos afazeres diários da tribo, o qual é bastante respeitado no local.

A diretora do filme *Hotxuá*, a atriz Leticia Sabatella, afirmou ao jornal eletrônico Notícias Cinema¹², que a idéia de levar os índios do Tocantins para as telas de cinema, foi um desejo da própria tribo. A atriz conta que conheceu os krahôs em 1996, “quando foi à aldeia com outros autores, a convite do antropólogo indigenista Fernando Schiavini, por causa de um documentário que fizeram para uma montagem teatral”.

Os krahôs através de sua cultura milenar usam o humor e o riso pra fortalecer a autoestima da tribo. Neste sentido Sabatella, declara ao jornal Notícias Cinema:

¹¹ <https://www.uai.com.br/app/noticia/cinema/2012/02/14/noticias-cinema,98786/documentario-revela-a-funcao-sagrada-do-palhaco-na-tribo-indigena-kraho.shtml>.

Os krahôs realmente são conhecidos por isso entre outras tribos, e estar entre eles traz sensação de bem-estar incrível, de se ficar bem à vontade, pela simplicidade e pela deliciosa forma como vivem entre a natureza e seus ritos. E o hotxuá tem essa especial liberdade e é amado como é. Ele é detentor desse dom e da prática de prestar atenção em todos e procurar animar a aldeia, não deixar ninguém triste.

No documentário, um dos momentos mais importante é o encontro do palhaço tradicional vivido por Ricardo Puccetti¹³, com o palhaço krahô, vivido pelo hotxuá Ismael. No filme mostra bem os contrastes entre ambos. Enquanto um estava caracterizado tradicionalmente, com seus trajes típicos, nariz vermelho e uma maleta na mão, “o hotxuá surge com seu corpo maquiado com outras tinturas extraídas do urucum (vermelho), jenipapo (preto) e pó de giz (branco), e ornado com folhas, galhos e miçangas”. Ricardo Puccetti, diz que chegou à aldeia, uma semana antes das gravações, para se familiarizar com o local, e foi conquistando seu espaço aos poucos, e com uma semana, já estava sendo chamado de hotxuá. “O ator diz ter ficado impressionado com a alegria dos krahôs e que não é em vão que eles são conhecidos como o povo do riso” e declarou: “*Os Krahôs brincam e riem o tempo todo. Tudo é motivo para dar gargalhada. E isso é muito espontâneo. Definitivamente, eles atraem o riso para a vida e o transformam em uma ferramenta de encontro e comunhão*”¹⁴.

Não há dúvidas que tanto o documentário, como os trabalhos etnográficos realizados na aldeia krahô, foram bastante relevantes, pois é justamente por meio desses trabalhos, que o índio tem a oportunidade de mostrar sua cultura, sua arte, seu povo, suas crenças, sua alegria em manter suas origens, bem como mostrar suas necessidades, sobretudo no que diz respeito às suas lutas, pois a mídia tendenciosa e capitalista, acaba vitimando autores e incriminando os índios, que são vítimas da ação do “branco” há séculos.

A divulgação de trabalhos realizados na aldeia, se faz necessária, porque, que ao longo dos séculos o índio vem sofrendo com os equívocos, conforme BESSA cita em seu texto *As Cinco Ideias Equivocadas Sobre o Índio*, cometidos pelo homem “branco”, que os tratam como sendo parte do passado, como culturas atrasadas, que tratam suas artes como artesanatos; que acham que a cultura indígena permanece congelada, o que é um equívoco, pois a cultura indígena é tão atual e rica quanto no passado, pois há no povo indígena, o desejo de preservar sua cultura, de aumentar em número, já que a população indígena foi quase dizimada, comparando com o passando onde sua população era maior que a população branca.

O índio vem sobrevivendo ao longo do tempo, a todas as formas de ataques, sejam eles sutis, como a imposição religiosa, ou capitalista, por meio de produtores rurais, que tem se apropriado de suas terras, em nome do capital. E mesmo em meio a todas as perdas sofridas ao longo do tempo, o índio tem mostrado resistência e tem sabido ludibriar com as inversões impostas ao seu modo devida.

Falar do palhaço Krahô foi um privilégio, pois me encantei e me surpreendi ao deparar com essa figura cômica, ritualística e mística na aldeia, através do documentário *Hotxuá*, pois em minha ignorância, achava que só existia o palhaço tradicional. E o hotxuá trouxe a quebra de paradigmas aos meus conceitos, talvez muitos deles até equivocados a respeito dos povos ameríndios.

A cultura indígena é tão rica e bela quanto a nossa, e assim também os seus ritos e práticas diárias, que estão todas desprendidas de interesses particulares. Na etnia indígena, o que vale é o equilíbrio, é o bem estar de todos. E o Hotxuá cumpre o seu papel com maestria.

¹²<https://www.uai.com.br/app/noticia/cinema/2012/02/14/noticias-cinema,98786/documentario-revela-a-funcao-sagrada-do-palhaco-na-tribo-indigena-kraho.shtml>.

¹³ Ricardo Puccetti é ator, pesquisador e coordenador artístico do Lume Teatro, e no filme, o palhaço tradicional é vivido por ele.

¹⁴<https://www.uai.com.br/app/noticia/cinema/2012/02/14/noticias-cinema,98786/documentario-revela-a-funcao-sagrada-do-palhaco-na-tribo-indigena-kraho.shtml>.

Cultura Mehim: Abrindo olhares às diversidades

Francilene Medeiros Teixeira

A cultura Mehim faz um convite para abrir o olhar à diversidade cultural e pede que haja um desprendimento dos conceitos e preconceitos existentes, pois eles vão mostrar outras formas de se colocar no mundo. Somando-se a várias outras sociedades que têm hábitos, costumes e crenças diferenciados.

“Mehim” é a autodenominação do povo indígena Krahô, todavia este nome passou a ser utilizado por vários outros povos indígenas, ou referir-se a tal pessoa quando é indígena. Segundo o antropólogo Melatti¹, os Mehim fazem parte do grupo Timbira, são da família lingüística Jê, no tronco lingüístico Macro – Jê. Para aguçar a compreensão do leitor imagine você observar o diálogo entre dois paraenses, um deles morador da cidade de Belém extremo (Nordeste Paraense), e o outro da cidade de Redenção (Sudeste Paraense). Na maioria da conversa haveria o entendimento entre ambos, todavia surgiriam algumas palavras próprias do contexto local. Da mesma forma acontece com os povos timbira, conseguem comunicar-se entre si, porém tem diferenças em algumas palavras ou sonoridades.

Segundo Melatti este povo está localizado entre os Rios Manoel Alves Pequeno e o Rio Vermelho, nas cidades de Goiatins e Itacajá ao Norte do Estado do Tocantins, com a extensão territorial de 3.200 km². A terra indígena “Kraôlandia” foi conquistada pelos Mehim em 1944. (1978. p. 22 e23).

Trazer os Mehim para este texto propõe abrir os olhares para as diversidades culturais, uma temática difícil de ser aceita, pois existe uma cultura que busca sobrepor-se a outra. A antropologia trás o conceito de Cultura que é à base da sua ciência. De acordo com Lévi-Strauss para que a cultura exista é necessário ter a “linguagem, instrumentos, instituições sociais e sistemas de valores estéticos, morais ou religiosos” (1982, p.47). Em outro trecho do seu livro “As estruturas elementares do parentesco”, ele fala: “Em toda parte onde se manifesta uma regra podemos ter certeza de estar numa etapa da cultura (Idem).”

Além do conceito de Cultura, o Direito se fez valer de alguns artifícios, entre eles para Lagrasta²: “a Constituição Federal [de 1988], estabeleceu de forma inquestionável que o país é composto por diversidades culturais, todas objetos do mesmo tratamento igualitário, [legalmente] ausente de qualquer espécie de cultura dominante”. (2013. p. 74)

¹ Julio Cezar Melatti. cursou bacharelado e licenciatura em História e Geografia pela Católica de Petrolinas no RJ em 1938. Foi auxiliar de pesquisa do Roberto DaMatta em 1961. Doutorado-se em Antropologia pela Universidade de São Paulo em 1970. De 1969 – 1994 foi professor na Universidade de Brasília.

Outro instrumento utilizado pelo Direito é a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho, que é vigente desde o ano de 1989, sendo o primeiro instrumento internacional que trata especificamente dos direitos dos povos indígenas e tribais. No artigo 2º na letra B, deixa evidente a atenção com a especificidade dos povos, “promover a plena realização dos direitos sociais, econômicos e culturais desse povo, respeitando a sua identidade social e cultural, seus costumes, tradições e intenções;” (2011. p.16).

Agora você fará um passeio para conhecer algumas especificidades dos Mehim, entre elas a cosmovisão, organização familiar, arte/sanato e território.

A cosmovisão dos Mehim é diferente da criação do mundo da sociedade ocidental, todavia há uma semelhança que é a diversidade. Para o cristianismo é narrado através da bíblia que “o mundo foi criado em sete dias, e o homem foi feito a imagem e semelhança de Deus” (1990. p. 15). Enquanto que para a ciência a criação do mundo foi a partir de uma grande explosão cósmica, e tem o nome da teoria do BigBang.

Para os Mehim o que rege a criação é o mito do sol e da lua, este por sua vez é conhecido em todos os povos Timbira. O mito conta que sol e lua são ambos homens e passam a sentir falta de uma companheira. A lua conversou com o sol: “compadre, como é que nós vamos fazer, nós andamos assim sem mulher, é ruim, nós andamos sozinhos, assim está muito ruim para nós é preciso que tenhamos mulher” (MELATTI. Mitologia indígena. 2001. p. 01. Aula 04). Logo em seguida nesta mesma narrativa o Sol encontrou uma cabaça bonita, fez um buraco nela e a jogou dentro da água, eis que surgiu uma mulher bonita e tocava borá. A lua ficou com inveja e pediu que o Sol conseguisse uma mulher para ele e assim o fez.

Este mito é assim como vários outros repassados de geração após geração, pela oralidade, sempre valorizando o que é próprio da sua cultura. Outra especificidade dos Mehim é o corpo. Para eles uma criança indígena começa a ser formada a partir do seu nascimento, e vai adquirir características do grupo social de acordo com os hábitos, costumes e crenças. O corpo da criança se fortalece a cada dia com os rituais e com o uso da pintura corporal, então perceber que o corpo da criança antes era particular e tornou-se um corpo da coletividade social.

Este mito é assim como vários outros repassados de geração após geração, pela oralidade, sempre valorizando o que é próprio da sua cultura. Outra especificidade dos Mehim é o corpo. Para eles uma criança indígena começa a ser formada a partir do seu nascimento, e vai adquirir características do grupo social de acordo com os hábitos, costumes e crenças.

² Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo.

O corpo da criança se fortalece a cada dia com os rituais e com o uso da pintura corporal, então perceber que o corpo da criança antes era particular e tornou-se um corpo da coletividade social.

Nesta construção do corpo os Mehim tem uma estética diferenciada, no corte de cabelo, retiram cílios e sobrancelhas e claro participam de muitos rituais. Melatti fez outra contribuição importantíssima sobre o sistema de parentesco, em "Nominadores e Genitores" fala sobre a concepção da gravidez que este povo tem. Sendo assim entende-se: nominadores são as pessoas que vão poder dar o nome para aquele indivíduo, segundo foi citado por um indígena Mehim "aquele que fica no meu lugar" (1976. p. 06). Enquanto que os genitores: são os pais da futura criança.

Para os Mehim "todo ser humano que tiver relações sexuais com uma mulher grávida, contribui para a formação do organismo do filho que ela traz no ventre." Quanto mais relações sexuais a mulher tiver, mais bonito o filho vai nascer, fugindo daquilo que se explica na medicina ocidental. No caso citado anteriormente sobre a gestação nos Mehim ser uma vivência coletiva, fica algumas responsabilidades, que é o fato de haver uma relação de parentesco, com uma série de resguardos e restrições enquanto a criança tiver menos de sete anos de idade. Por exemplo: se um homem tem um filho menor de sete anos, ele não vai aceitar matar uma cobra, o rompimento de qualquer destes tabus pode levar doenças ou a morte para o filho.

Todavia, é perceptível o quão complexa é a relação do sistema de parentesco, que vai organizar a troca interna de produtos, pauta a organização dos casamentos. E nesta organização social e do sistema de parentesco vale ressaltar que o povo Mehim assim como a maioria dos povos tem o proibicionismo do incesto. Fora isso, existem relações de tratamento e responsabilidades dos tios e tias para com o sobrinhos que se tornam responsáveis como se fossem os pais dos sobrinhos.

Ao refletir minimamente nos dois pontos abordados anteriormente, Cosmovisão e o sistema de parentesco, automaticamente é possível pensar que os Mehim conseguem manter a cultura por estarem distantes da sociedade Ocidental, com o território demarcado, e acesso a caça, pesca e coleta de frutas. Este povo tem uma relação diferente com a terra, e afirmam "a terra é mãe, ela nos dá o alimento de cada dia e da terra eles tem que cuidar."

Conforme foi falado pela liderança Gercília Krahô.

As pessoas não enxergam que somos as sementes da nossa Mãe Terra, que somos as flores dos nossos rios, o nosso Pai, que somos os brotos dos tempos que virão. O governo não nos respeita. Estão acabando com toda a vida por causa de dinheiro. Os hospitais estão cheios de gente que come veneno todo dia. Estão acabando com as nossas terras, com nossa saúde. Mas mesmo assim não vamos nos calar (Gercília Krahô).

Tendo a compreensão que os territórios mantêm a sustentabilidade física e cultural dos povos indígenas, é importante lembrar-se da arte/sanato, a palavra chega fragmentada por partir do entendimento que colares, cestarias e tantos outros trabalho feitos pelos indígenas é uma arte, todavia a grande maioria da sociedade concebe como artesanato.

No povo Mehim eles tem uma rede de associação Centro Cultura Kàjere, o mesmo foi tese de mestrado Leilane Leal Marinho, pela Universidade Federal do Tocantins.

A arte indígena foi uma vertente trabalhada pela Antropóloga Berta Gleiser Ribeiro, a homenageada do "II Escritas Sociais". Berta desenvolveu grande parte dos seus trabalhos sobre a cultura material, entre eles: *Os índios das Águas Pretas de 1995* – sobre os Dêsana com temas relacionados à ecologia e cultura material. Publicou um artigo *Adornos Plumários dos Índios do Brasil em 1957*. E escreveu outros artigos sobre a arte dos trançados e datecelagem.

Berta Ribeiro licenciou-se em História e Geografia na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1953 foi exilada em alguns países da América Latina, Uruguai, Venezuela, Chile e Peru. Voltou ao Brasil em 1974, em 1980 Doutou-se em Antropologia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas na Universidade de São Paulo, sua tese de doutorado foi "*A Civilização da Palha*" sobre a cestaria indígena Xinguana e Alto Rio Negro e na Antropologia da arte publicou o livro "Arte indígena, linguagem visual" publicado em 1989.

Nestes caminhos trilhados ela foi professora na Universidade Federal do Rio de Janeiro e assumiu a matéria de Arte indígena no Brasil, e "Cultura material e arte étnica" Berta nasceu na Romênia, em 02 de outubro de 1924 e faleceu em 17 de novembro de 1997, há 20 anos.

A relação da diversidade cultural a partir da cultura Mehim alerta para outras formas de ver e estar no mundo, à concepção de deuses, união entre cosmos e natureza. Os Mehim simplesmente vivem, com seus mitos, ritos e crenças, assim como vários outros grupos sociais. E homenagear a Berta Ribeiro é ressaltar a vida dedicada ao

trabalho com os índios, e o viés traçado por ela na cultura material da arte indígena.

A conclusão extraída é que fazer a desconstrução do que é arte e artesanato, e incluir o conhecer novas sociedades e suas formas de viver, entra em que choque, por exemplo, o sistema de parentesco Mehim e a família tradicional brasileira ou a criação do mundo com sua explicação vigente em cada cultura. Resta entender que abrir-se para a diversidade é um constante aprendizado que pode ser experimentado em todos os cantos do país e do mundo.

As diversidades culturais e os desafios na sociedade brasileira

Jefferson Soares de Sousa

A diversidade cultural brasileira é bastante vasta e diversa, assim como a diversidade cultural mundial, mas no Brasil devido à forma no qual a sua história foi construída, houve uma mistura de diferentes modos de vida, de pensamentos, religiões, costumes etc.

Com a chegada dos portugueses as terras depois chamadas de Brasil, houve uma forte tentativa de repressão a cultura dos povos originários, assim como também à cultura advinda dos povos africanos. Essa repressão, não só tida como forma de silenciar e reprimir, mas como uma maneira de forçar a implantação da cultura européia, que era vista como uma cultura “civilizada” e fundamentava a ideia de superioridade, isso contribuiu para que houvesse a exploração e a dominação daqueles povos.

Atualmente, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apenas 0,4% da população total brasileira são indígenas, ou seja, desde o início da colonização houve uma redução drástica de 99,6% dessa população no país. Em 1500, o número de índios nas terras brasileiras podia chegar há 10 milhões, segundo a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), e hoje só restam 896,9 mil índios, segundo o IBGE, um verdadeiro genocídio dos povos indígenas brasileiros.

Além disso, durante esse período milhares de negros foram escravizados e trazidos para o Brasil, para trabalhar nas fazendas e nas casas da elite portuguesa, um verdadeiro massacre aos povos negros ocorreu nesse período de luta pela liberdade.

Muitos dos costumes no qual realizamos hoje são herdados dos povos indígenas, mesmo que visto como natural ou dado a autoria a outras etnias, os povos indígenas brasileiros tem uma grande contribuição na formação dos hábitos da maioria da população, assim como afirmou a autora Berta Ribeiro no prefácio do seu livro:

procurou-se enfatizar que a cultura indígena continua ativa, embora inibida para desenvolver sua criatividade e potencialidade. Não obstante, é um organismo vivo. Muito se pode aprender com ela, se vencermos o preconceito e o desprezo que sempre se lhe votou. (RIBEIRO, 2014, p. 06).

Apesar de muito sofrida toda essa história de formação do Brasil, hoje temos uma grande diversidade cultural, provenientes dessa mistura de povos e da mistura de diferentes culturas.

Reconhecer a diversidade cultural como elemento inseparável da identidade nacional e regional é um grande desafio encontrado hoje.

Acreditando, como Marx Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais, enigmáticas na sua superfície. (Geertz, 1988, p.15)

Geertz procurava mostrar com o culturas diferentes originam ações e interpretações diferentes, mas ele não propõe buscar eliminar a heterogeneidade, como defendia os pensamentos eurocêntricos.

A palavra diversidade, diz respeito à variedade e a coexistência de diferentes ideias e características diversas entre si em um determinado ambiente. Cultura é um termo que pode conter diversos conceitos, que com o passar do tempo tendem a ser alterado, sofrendo revisões, adaptações e críticas.

Embora muitos pensadores não usem mais o termo "cultura", continuam precisando de uma palavra que represente a diferença entre povos e grupos dentro de uma mesma sociedade, um termo bastante utilizado hoje para fazer essa representação é a palavra "identidade". Stuart Hall, diz que lidar com "identidade" é complexo, por ser muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea.

Até os dias de hoje, permanece um pensamento no qual conhecemos como etnocentrismo, que é uma forma de pensar as populações, povos e/ou maiorias, a partir de normas e valores de nossa própria sociedade ou cultura. Esse tipo de pensamento foi usado de justificativa para diversos conflitos no mundo e ainda hoje contribuiu para a discriminação, o racismo e a xenofobia.

Contrário a esse tipo de pensamento, o relativismo cultural, é uma forma de ver as diversidades sem impor valores e normas alheios, o relativismo evita qualquer análise das diferenças segundo os termos da própria sociedade do qual fazem parte.

Toda essa diversidade cultural coloca numa sociedade construída sob bases da exclusão e da opressão aos diferentes dos padrões "civilizados" europeus, alguns

agravantes, no qual está enraizado na sociedade e muitas vezes e tido como algo natural, a exemplo disso temos o racismo, que é uma forma de opressão a aqueles/aquelas que possuem qualquer traço herdado do povo negro, assim como diversas outras formas de discriminação, até mesmo por parte do governo, que dificulta por meios burocráticos o reconhecimento e a demarcação de quilombos e áreas indígenas.

Atualmente, de cada 100 pessoas que morrem no Brasil, 71 são negras, de acordo com o Atlas da Violência de 2017. A população negra corresponde a mais (78,9%) dos 10% dos indivíduos com mais chance de serem vítimas de homicídio. Os encarceramentos resultam em mais de 600 mil presos, na maioria negros, pobres e jovens. Temos o exemplo de Rafael Braga vítima desse sistema racista, que usa muitas vezes do poder da polícia para realizar o extermínio em massa dos negros, que como já tratamos anteriormente é uma questão que tem base no etnocentrismo enraizado na nossa sociedade.

Casos como esses são constantemente observados em nossa sociedade, que ainda não aprendeu a lidar com as diversidades culturais, como o que recentemente vem acontecendo, diversas pessoas em nome de Deus, quebram e destroem terreiros de candomblé.

Como já tratamos anteriormente, a forte influência da cultura indígena está presente em nossos hábitos, na alimentação, na agricultura e até na higiene pessoal. É importante fazer o reconhecimento desses costumes, que mesmo sob forte opressão da cultura de matriz europeia, boa parte da cultura em especial a indígena e a africana permanecem até hoje.

Apesar de tratar como "cultura indígena" há uma diversidade imensa dos mais variados costumes, características e rituais. Cada etnia possui sua história, suas raízes, mas bebem de um mesmo passado de muita luta e resistência.

A variação de culturas enraizadas ao redor do país exibe uma variedade muito bonita, que não devem ser combativas, mas aceitadas e trabalhadas para um orgulho nacional.



Organização:
André Demarchi
Marcelo Brice
Marcelo Cleto

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS PORTO NACIONAL
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS